

Cícero: obra e recepção

**Isabella Tardin Cardoso,
Marcos Martinho (coords.)**

A PRIMEIRA HISTORIOGRAFIA ROMANA NO *DE ORATORE*¹ (The Early Roman Historiography in the *De Oratore*)

ADRIANO SCATOLIN (adrscatolin@gmail.com)
Universidade de São Paulo

RESUMO: Este estudo apresenta uma nova leitura de *De oratore* II 51-54, tendo em vista questionar uma linha de recepção dessa passagem que a considera uma fonte fidedigna para a reconstrução histórica dos primórdios do gênero historiográfico entre os latinos. Para tal, apresenta-se uma desconstrução do passo, com especial atenção ao tratamento de Catão, o historiador citado de que temos melhor conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Cícero; *Do orador*; historiografia grega; historiografia latina; Catão o Velho

ABSTRACT: This paper presents a new reading of Cicero's *De oratore* 2.51-54. It aims at questioning the reception of the passage that sees in it a reliable source for the historical reconstruction of Early Roman Historiography. In order to do so, a deconstruction of the passage is presented, highlighting the treatment of Cato, the best-known historian among those cited.

KEYWORDS: Cicero; *On the orator*; Greek historiography; Latin historiography; Cato the Elder.

O tratamento da historiografia no *De oratore* insere-se no contexto da exposição do gênero demonstrativo e do princípio da analogia. Assim, a história estaria no mesmo patamar de uma série de modalidades discursivas mencionadas por Antônio que, embora do domínio do orador, carecem todavia de preceitos específicos nos manuais de retórica. Isso acontece, segundo o personagem, porque tais preceitos específicos podem facilmente ser depreendidos dos preceitos mais gerais que se encontram nos manuais, desde que se operem, evidentemente, as devidas mudanças no que concerne ao contexto, ao decoro e, de modo geral, às leis de cada uma de tais modalidades². Essas são, sempre segundo Antônio, a *obiurgatio* (reprimenda), a *cohortatio* (exortação) e a *consolatio* (consolação), como aponta em II 50, os *praecepta* (preceituação) e os *admonita* (aconselhamentos) e, claro, a *historia* (história), que é tratada em II 51-64. Este artigo terá como foco

¹ Bolsista da CAPES (2012/2013) – Proc. n° 9121/11-0. Este trabalho vincula-se ao estágio pós-doutoral realizado na Universidade de Paris-Sorbonne – Paris IV, sob a supervisão de Carlos Lévy. Agradecemos a Francisco Edi de Oliveira Sousa, Breno Battistin Sebastiani e Marlene Lessa Vergílio Borges pela leitura atenta do texto e pelas várias sugestões apresentadas.

² Seguimos a interpretação de Leeman, Pinkster & Nelson (1985, p. 248-252).

II 52-54, a primeira metade de uma digressão histórica sobre a historiografia, em que se comparam brevemente os supostos primórdios do gênero entre gregos e latinos e se caracterizam os historiadores latinos do ponto de vista da elocução³. Eis a passagem:

'Age vero,' inquit Antonius 'qualis oratoris et quanti hominis in dicendo putas esse historiam scribere?' 'Si, ut Graeci scripserunt, summi,' inquit Catulus; 'si, ut nostri, nihil opus est oratore; satis est non esse mendacem.' Atqui, ne nostros contempnas,' inquit Antonius, 'Graeci quoque ipsi sic initio scriptitarunt, ut noster Cato, ut Pictor, ut Piso; erat enim historia nihil aliud nisi annalium confectio, cuius rei memoriaeque publicae retinendae causa ab initio rerum Romanarum usque ad P. Mucium pontificem maximum res omnis singulorum annorum mandabat litteris pontifex maximus referebatque in album et proponebat tabulam domi, potestas ut esset populo cognoscendi, eique etiam nunc annales maximi nominantur. Hanc similitudinem scribendi multi secuti sunt, qui sine ullis ornamentis monumenta solum temporum, hominum, locorum gestarumque rerum reliquerunt; itaque qualis apud Graecos Pherecydes, Hellanicus, Acusilas fuit aliique permulti, talis noster Cato et Pictor et Piso, qui neque tenent, quibus rebus ornatur oratio – modo enim huc ista sunt importata – et, dum intellegatur quid dicant, unam dicendi laudem putant esse brevitatem. Paulum se erexit et addidit maiorem historiae sonum vocis vir optimus, Crassi familiaris, Antipater; ceteri non exornatores rerum, sed tantum modo narratores fuerunt.' 'Est,' inquit Catulus 'ut dicis; sed iste ipse Caelius neque distinxit historiam varietate locorum⁴ neque verborum conlocatione et tractu orationis leni et aequabili perpolivit illud opus; sed ut homo neque doctus neque maxime aptus ad dicendum, sicut potuit, dolavit; vicit tamen, ut dicis, superiores.' (Cic. *De or.* II 51-4)

– Pois bem – perguntou Antônio –, você considera que a escrita da história cabe a um orador de que espécie e a um homem de que valor no âmbito do discurso?

– Se fala da escrita tal como praticada pelos gregos, ao maior – respondeu Cátulo. – se à maneira dos nossos conterrâneos, não há necessidade alguma de um orador: basta não ser mentiroso.

³ Woodman (1988) pretende que todo o passo sobre historiografia no *De oratore* aborde o gênero apenas do ponto de vista da invenção. Northwood (2008) aponta com precisão as falhas de tal abordagem. No passo aqui analisado, o enfoque de Antônio parece recair inteiramente sobre o domínio da elocução, à exceção de um único termo (II 54: *locorum*), embora esse venha sendo contestado e debatido pelos editores desde Ernesti (1779).

⁴ A maior parte dos editores, segundo o comentário de Leeman, Pinkster e Nelson (1985, p. 248-252), adota a correção *colorum* (aqui, “tons”), pelo fato de que todo o passo trata apenas da elocução. A edição crítica mais recente, porém, a de Kumaniecki (1969), que seguimos, mantém o *locorum* dos melhores manuscritos, opção também de alguns editores posteriores: além dos próprios Leeman, Pinkster e Nelson (1985), também Nüßlein (2007); Causi, Marino e Formisano (2015).

– E contudo – replicou Antônio –, para que você não despreze os nossos conterrâneos, os próprios gregos, de início, também costumavam escrever como nosso Catão, como Píctor, como Pisão. De fato, a história não passava de uma compilação de anais. Com esse objetivo, e para preservar a memória dos eventos públicos, o pontífice máximo, desde o início da história romana até o pontificado de Públio Múcio, registrava por escrito todos os fatos de cada ano, transcrevendo-os numa tábua branca e expondo-a em sua casa, para que o povo tivesse a oportunidade de tomar conhecimento de tais registros – eles que ainda hoje são denominados anais máximos. 53. Muitos imitaram esse tipo de escrita, deixando, sem qualquer ornamento, apenas os registros de épocas, homens, lugares, feitos. Desse modo, tal como Ferécides, Helânico, Acusilau e muitos outros, entre os gregos, assim foram o nosso Catão, Píctor e Pisão, que não dominam os meios com que se orna o discurso – esses elementos acabam de ser importados para cá – e, contanto que se entenda o que dizem, consideram que a única virtude do discurso é a brevidade. 54. Elevou-se um pouco acima deles e acrescentou maior grandiloquência à história um excelente varão, amigo íntimo de Crasso, Antípatro. Os demais não eram adornadores, mas apenas narradores dos fatos.

– É como afirma – assentiu Cátulo. – Porém, esse mesmo Célio não ornou a história com a variedade de lugares, nem aperfeioou sua famosa obra com o arranjo das palavras ou um andamento fluente e uniforme do discurso, mas, homem inculto que era e pouco preparado para discursar, burilou-a como pôde; ainda assim, superou, como você afirma, seus antecessores.⁵

Esta passagem tem servido de fonte para os estudiosos, ora de maneira mais crédula (Woodman, 1988; Mellor, 1999), ora mais crítica⁶, para a reconstrução dos primórdios da historiografia latina. Tal recepção foi bem sintetizada por Fox (2007, p. 137) em seu *Cicero's Philosophy of History*:

Cicero provides an important potted history of Roman historiography here, one that has, in its basic shape, been little challenged: history at Rome began with the keeping of yearly records; these developed into literary annals, whose authors' only stylistic aim was clarity of expression. In contrast to the situation in which the Greek historians were working, Roman eloquence was confined to specific rhetorical contexts, legal and political, and therefore history is deliberately set up as a realm that was, traditionally, non-rhetorical.

Nossa ideia, aqui, é questionar a linha de recepção do passo do *De oratore* mencionada por Fox, tentando responder em que medida a obra pode ser usada pelos estudiosos modernos como fonte de reconstrução histórica. Lévy (2010,

⁵ Tradução publicada em Scatolin (2011).

⁶ Marincola, 2007, p. 7: “[...] There is very good evidence to show that Cicero's characterization of the early Roman historians is nearly wholly false”; Beck, 2007, p. 261-262, por exemplo.

p. 100), num artigo em que questiona as tentativas de reconstrução da história da filosofia feitas por Brittain, em seu *Philo of Larissa*, a partir de passagens do diálogo (Brittain, 2001, cap. 7), oferece um princípio que nos norteará. Diz ele: “tanto neste domínio como em qualquer outro, o *De oratore* não é obra que se possa ler como uma exposição objetiva do que quer que seja [...]”. Concordando com o estudioso quanto ao princípio geral, cabe-nos agora fundamentá-lo em nosso contexto específico.

Não se pode tomar o relato de Antônio como uma exposição objetiva dos fatos, sobretudo em virtude de sua *parcialidade*, o que constitui, segundo o próprio Antônio observa também no livro II, a quebra de uma das leis fundamentais da história tal como entendida pelos antigos⁷. A parcialidade de Antônio observa-se em dois níveis: no pessoal, se pensarmos na figura do autor; e no da pátria, se considerarmos a ressalva feita por Antônio em relação aos gregos⁸.

No que concerne ao nível pessoal, a passagem insere-se, ainda que de maneira sutil, entre os vários passos do *De oratore* em que os personagens parecem prefigurar o advento de Cícero. Isso acontece, por exemplo, no elogio de Antônio a Crasso, em I, 95: depois de mencionar o *libellus* que escrevera sobre oratória, em que teria afirmado que já encontrara vários oradores *diserti* (expressivos, articulados), mas ainda nenhum *eloquens* (eloquente), e de apontar as várias exigências para um orador se tornar eloquente, afirma que ou tal orador já é Crasso, ou será alguém que some a seu engenho muito estudo, muita leitura e muita prática da escrita; no comentário a respeito de Tucídides, em II 56, que, segundo Antônio, teria sido exilado de Atenas tal como costumava acontecer aos melhores cidadãos (Cícero, que publica o *De oratore* em 55 a.C., fora exilado de Roma por cerca de um ano e meio, no biênio 58-57 a.C.); e no elogio de Hortênsio ao fim da obra, em III 229-230: imitando o final do *Fedro* platônico, em que Sócrates tece um elogio a Isócrates que deveria soar irônico aos leitores de Platão, Cícero representa situação análoga ao fim do *De oratore*: um elogio de Crasso a Hortênsio que pode ser interpretado como igualmente irônico, particularmente se confrontado com o passo do *Brutus* (320) em que o personagem Cícero aponta a gradual decadência do orador depois de seu consulado (69 a.C.). Em todas

⁷ Na célebre formulação de Antônio, ao fim da exposição sobre o gênero histórico (II, 62): *nam quis nescit primam esse historiae legem, ne quid falsi dicere audeat? deinde ne quid veri non audeat? ne qua suspicio gratiae sit in scribendo? ne qua simultatis?* “De fato, quem ignora que a primeira lei da história é não ousar dizer nada de falso? Em seguida, ousar dizer toda a verdade? Não haver suspeita de favorecimento na escrita? Ou de ressentimento?”. Antônio, é desnecessário dizer, não cumprindo as exigências da história entre os antigos, muito menos cumprirá as da história tal como a entendemos modernamente, com suas diretrizes científicas e, pelo menos pretensamente, não retóricas de escrita.

⁸ Como prescreverá posteriormente Luciano, em seu *Quomodo historia conscribenda*, 41, passo em que trata justamente da questão da imparcialidade, o historiador deve escrever como se fosse ἄπολις, “apátrida”, na tradução de Jacyntho Lins Brandão (2009, p. 71).

essas passagens, podemos interpretar, espera-se do leitor que faça a associação com a figura do Arpinate: como aquele que preencherá os requisitos do orador eloquente procurado por Antônio; como o *bonus* exilado injustamente; como o alvo último do elogio a Hortênsio. O mesmo parece acontecer no passo sobre a historiografia, embora isso só se torne evidente a partir do confronto intertextual com o passo análogo do *De legibus*⁹, em que a referência a Cícero como potencial cultor do gênero histórico e único capaz de fazer jus a suas exigências retóricas é formulada explicitamente pelo personagem Ático:

Postulatur a te iamdiu, vel flagitatur potius, historia; sic enim putant, te illam tractante effici posse ut in hoc etiam genere Graeciae nihil cedamus. Atque ut audias quid ego ipse sentiam, non solum mihi videris eorum studiis qui tuis litteris delectantur, sed etiam patriae debere hoc munus, ut ea quae salva per te est, per te eundem sit ornata. Abest enim historia litteris nostris, ut et ipse intellego et ex te persaepe audio; potes autem tu profecto satis facere in ea, quippe cum sit opus (ut tibi quidem videri solet) unum hoc oratorium maxime. Quamobrem aggredere, quaesumus, et sume ad hanc rem tempus, quae est a nostris hominibus adhuc aut ignorata aut relicta (Cic. Leg. I 5)

Já há muito se demanda ou, antes, se exige de você uma obra histórica. É que consideram que, caso se ocupe dela, é possível que também neste gênero não fiquemos atrás da Grécia em nada. E, se quer saber o que eu penso, creio que você deve essa dádiva não apenas ao desejo daqueles que se deleitam com seus escritos, mas também à pátria, a fim de que ela, que foi salva por você, seja por você também ornada. É que a história está ausente de nossas letras, segundo eu mesmo entendo e inúmeras vezes ouvi de sua parte, e você com certeza pode fazer jus a ela, uma vez que se trata, pelo menos segundo costuma considerar, do gênero oratório por excelência. Por isso, pedimos-lhe que assuma a empresa e encontre tempo para ela, que até o momento foi ignorada ou negligenciada por nossos conterrâneos.

A parcialidade reflete, assim, o *interesse* de Cícero em *diminuir* e, sobretudo, *nivelar* os primórdios da historiografia em Roma, a fim de apresentar a si mesmo – implicitamente no *De oratore*, de maneira manifesta no *De legibus* – como potencial cultor ideal do gênero. Cícero adotará estratégia retórica idêntica anos depois, em diversos passos polêmicos das obras filosóficas. Os prefácios aos livros I e II das *Tusculanae*, por exemplo, oferecem paralelos perfeitos para nossas passagens: no primeiro caso, em I 5-6, Cícero afirma que a filosofia permaneceu

⁹ Cf. Nicolai (2000, p. 114), que faz, porém, o percurso inverso, do *De legibus* para o *De oratore*: “Il passaggio del *de legibus* si può dunque meglio comprendere attraverso il rapporto intertestuale, segnalato da Cicerone stesso. I due dialoghi vengono in questo modo a intrecciarsi.”

nas trevas até aquele momento, sem receber a luz das letras latinas, e que cabe a ele dar-lhe lustro e elevá-la. Apesar de muitos livros terem sido escritos em latim por homens de bem, esses não teriam instrução suficiente para se expressar de maneira refinada ou para proporcionar o arranjo, o lustro e o deleite necessários para atrair o leitor; no segundo caso, em II 7, referindo-se a esses mesmos primeiros livros filosóficos escritos em latim, aponta a sua falta de distinção, arranjo, elegância e ornato, com a conseqüente ausência de deleite. Em alguns casos, encontramos-nos, em relação a esses primeiros cultores do gênero filosófico entre os latinos, na mesma situação que deparamos ao estudar os primeiros historiadores de Roma, ou até pior: como no caso destes últimos, a obra de tais filósofos chegou até nós em estado apenas fragmentário¹⁰; para piorar as coisas, porém, por vezes Cícero e os passos polêmicos em questão são nossa única fonte para determinado autor, o que torna impossível a verificação da justeza e da propriedade das observações do Arpinate¹¹.

Já no que concerne à pátria, a ressalva de Antônio, *ne nostros contemnas*, e o paralelismo perfeito dos supostos primórdios rudimentares da historiografia de gregos e latinos parecem-nos indícios de um construto antes retórico que histórico. Analisando o passo de um ponto de vista estritamente histórico, Beck (2007, p. 262) assinala a imprecisão do relato de Antônio, apontando a inexistência de listas (como as dos anais dos pontífices) disponíveis para o uso de Heródoto e Tucídides, que se teriam servido, antes, de uma criteriosa garimpagem de relatos orais, inscrições e obras literárias anteriores¹². Quanto a Ferécides, Helânico e Acusilau, um passo do *Orator*, escrito cerca de uma década depois do *De oratore*, fornece-nos uma pista importante da possível fonte ciceroniana para a constatação do caráter rudimentar da primeira historiografia grega. Diz o Arpinate, no parágrafo 39 da obra:

primisque ab his, ut ait Theophrastus, historia commota est ut auferet uberius quam superiores et ornatus dicere

e eles [sc. Heródoto e Tucídides] foram os primeiros, conforme afirma Teofrasto, a impelir a história a ousar falar de maneira mais rica e ornada do que seus predecessores.

Como os três historiadores gregos são citados por Cícero apenas no passo em questão, o que talvez possa indicar o desconhecimento, ou conhecimento apenas superficial de tais autores, e como o Arpinate teria encontrado no *Da*

¹⁰ À exceção, é claro, de Lucrécio, que é ignorado por Cícero em tais polêmicas, seja pela grandiosidade inegável do autor, seja porque a discussão concerniria apenas à prosa.

¹¹ É o caso dos fragmentos dos epicuristas Amafínio e Rabírio.

¹² Para uma exposição detalhada da questão, leia-se o artigo de Rhodes (2007).

história ou no *Da elocução* de Teofrasto¹³ a “informação” de que Heródoto e Tucídides representariam um divisor de águas na historiografia grega do ponto de vista da elocução, podemos especular com verossimilhança que Cícero teria projetado sobre os primórdios da historiografia grega sua leitura enviesada da primeira historiografia latina. O confronto com dois passos do *Sobre Tucídides*, de Dionísio de Halicarnasso, torna mais evidente o caráter parcial da exposição de Antônio. De fato, é possível que também Dionísio se tenha servido da obra de Teofrasto como uma de suas fontes¹⁴, embora o rétor certamente tivesse conhecimento direto de alguns dos primeiros historiadores gregos, que cita em suas *Antiguidades Romanas*¹⁵. Ora, se a análise que apresenta da elocução dos historiadores anteriores a Heródoto e Tucídides mostra-os como cultores, entre outros aspectos, da clareza e da concisão (como Antônio diz de Catão, Píctor, Pisão e, por consequência, aparentemente, dos primeiros historiadores gregos), Dionísio considera sua elocução adequada à matéria e não deixa de lhes conceder beleza e graça em suas obras:

λέξις τε ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ τὴν αὐτὴν ἅπαντες ἐπιτηδεύσαντες [...] τὴν σαφῆ καὶ κοινὴν καὶ καθαρὰν καὶ σύντομον καὶ τοῖς πράγμασι προσφυῆ καὶ μηδεμίαν σκευωρίαν ἐπιφαίνουσιν τεχνικὴν ἐπιτρέχει μὲντοι τις ὥρα τοῖς ἔργοις αὐτῶν καὶ χάρις, τοῖς μὲν πλείων, τοῖς δ' ἐλάττων, δι' ἣν ἔτι μένουσιν αὐτῶν αἰ γραφαί (DH *Thuc.* 5, 4)

Quanto à elocução, todos eles, de maneira geral, praticaram a mesma [...]: clara, comum, pura, concisa, adequada à matéria e sem demonstrar nenhuma elaboração técnica. No entanto, há, aqui e ali, certa beleza e graça em suas obras, nuns mais, noutros menos, e é por isso que seus escritos ainda subsistem.

Mais adiante, na mesma obra, Dionísio retoma seu juízo crítico sobre tais historiadores, agora aprofundando-o e qualificando-o:

οἱ δὲ πρὸ τοῦ Πελοποννησιακοῦ γενόμενοι πολέμου καὶ μέχρι τῆς Θουκυδίδου

¹³ Sandys (1885) considera mais provável a segunda hipótese, já que o *Περὶ λέξεως* seria uma das autoridades seguidas por Cícero no *Orator*, mas o argumento não é decisivo. Kroll (1961, p. 47), comentando todo o parágrafo 39, cita esta última obra como fonte, sem mencionar o *Περὶ ἱστορίας* como possibilidade. Fortenbaugh (2005, p. 61-62) lamenta a escassez do fragmento e não toma posição quanto a uma possível fonte.

¹⁴ Cf. Marincola, 2007, p. 5: “This developmental thesis [sc. tal como apresentada por Dionísio no *Sobre Tucídides*] probably goes back to Aristotle’s successor, Theophrastus, who wrote a (lost) *On History* in which he may have discussed such issues.”

¹⁵ Cf. Toye, 1995, p. 282, n. 7: “Dionysius’ acquaintance with the works of the *archaioi sungrapheis* is evident from his quotations in his work of the writers Pherecydes, Hellanicus, Antiochus of Syracuse, and Xanthus of Lydia, all of whom he designates *archaioi sungrapheis*. See *AR* 1.12, 1.13, 1.22, 1.28.”

παρεκτείναντες ἡλικίας ὁμοίας ἔσχον ἅπαντες ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ προαιρέσεις [...]. πάντες γὰρ οὗτοι [...] περὶ τὴν κυρίαν λέξιν μᾶλλον ἐσπούδασαν ἢ περὶ τὴν τροπικὴν, ταύτην δὲ ὡς περ ἡδυσμα παρελάμβανον, σύνθεσιν τε ὀνομάτων ὁμοίαν ἅπαντες ἐπετήδευσαν τὴν ἀφελῆ καὶ ἀνεπιτήδευτον, καὶ οὐδ' ἐν τῷ σχηματίζειν τὰς λέξεις <καὶ> τὰς νοήσεις ἐξέβησαν ἐπὶ πολὺ τῆς τετριμμένης καὶ κοινῆς καὶ συνήθους ἅπασι διαλέκτου. τὰς μὲν οὖν ἀναγκαίαις ἀρετὰς ἡ λέξις αὐτῶν πάντων ἔχει (καὶ γὰρ καθαρὰ καὶ σαφῆς καὶ σύντομός ἐστιν ἀποχρώντως, σώζουσα τὸν ἴδιον ἐκάστη τῆς διαλέκτου χαρακτήρα)· τὰς δ' ἐπιθέτους, ἐξ ὧν μάλιστα διάδηλος ἡ τοῦ ῥήτορος γίνεται δύναμις, οὔτε ἀπάσας οὔτε εἰς ἄκρον ἠκούσας, ἀλλ' ὀλίγας καὶ ἐπὶ βραχύ, ὕψος λέγω καὶ καλλιρημοσύνην καὶ σεμνολογίαν καὶ μεγαλοπρέπειαν· οὐδὲ δὴ τόνον οὐδὲ βάρος οὐδὲ πάθος διεγείρον τὸν νοῦν οὐδὲ τὸ ἐρρωμένον καὶ ἐναγώνιον πνεῦμα, ἐξ ὧν ἡ καλουμένη γίνεται δεινότης· πλὴν ἐνὸς Ἡροδότου (DH *Thuc.* 23, 4-6)

Quanto aos historiadores que antecederam a guerra do Peloponeso e viveram até a época de Tucídides, todos, de maneira geral, fizeram as mesmas escolhas [...]. De fato, todos eles [...] adotaram a elocução corrente de preferência à figurada, fazendo uso desta como de um condimento. Todos eles adotaram um arranjo de palavras semelhante, simples e sem arte, e mesmo na conformação de palavras e pensamentos não abandonaram, de maneira geral, a linguagem de uso comum, geral e costumeira a todos. No que respeita às virtudes necessárias, a elocução de todos eles as apresenta (ela é suficientemente pura, clara, concisa, preservando o caráter específico de cada dialeto); no que respeita às acessórias, com as quais torna-se particularmente perceptível o poder do orador, não as empregam todas nem a fundo, mas em pequena quantidade e brevemente – refiro-me ao sublime, à elegância, à solenidade e à elevação. Quanto ao tom, não apresentam nem a gravidade nem a paixão que desperta o espírito, nem o vigor poderoso e enérgico de que nasce a chamada veemência, à exceção de um único – Heródoto.

O confronto da fala de Antônio com os dois passos da obra de Dionísio mostra como uma mesma “informação” pode ser transmitida de maneira vaga, enviesada e interessada, ou criteriosa e argumentadamente. De fato, os dois parecem concordar num ponto: a presença de Heródoto como o grande divisor de águas na historiografia no que concerne à elocução e a falta de arte de seus antecessores. No caso de Dionísio, porém, a análise dos antecessores é, além de mais rica, mais justa: não se nega a presença de algum encanto, graça e beleza nas obras dos primeiros historiadores gregos; concede-se a adequação de sua elocução à matéria; concede-se o uso ocasional da linguagem figurada; e, principalmente, Dionísio não se serve de tais autores para se promover às suas custas – o que seria possível, sobretudo se nos lembrarmos que Dionísio tornar-se-ia historiador posteriormente; no caso de Antônio, em contrapartida, a menção aos gregos é apresentada de maneira bastante vaga, sem argumentação,

sem caracterização específica, apenas por meio de duas comparações (cf. II 51: *Graeci quoque ipsi sic initio scriptitarunt, ut noster Cato, ut Pictor, ut Piso*; II 53: *itaque qualis apud Graecos Phercydes, Hellenicus, Acusilas fuit aliique permulti, talis noster Cato et Pictor et Piso*). Não ficamos sabendo em que aspectos os gregos eram semelhantes aos latinos, nem quais observações valem apenas para estes, quais para ambos os grupos.

A ressalva de Antônio, por sua vez, aponta, como é evidente, para a motivação da distorção: numa obra em que os gregos são tantas vezes desqualificados – o termo pejorativo *Graeculus*, por exemplo, literalmente “greguinho”, é por vezes empregado no diálogo, particularmente em contextos polêmicos¹⁶ – e quase sempre apresentados de maneira desfavorável nas comparações com os latinos¹⁷, é verossímil pensar que Cícero teria considerado que não convinha apresentar um desnível tão grande entre gregos e latinos em determinado gênero. É de notar que, dentre as comparações entre os dois povos no *De oratore*, em apenas três, incluindo nossa digressão, os gregos são apresentados como superiores em algum quesito. *Em todos os três passos* Crasso ou Antônio apresentam uma ressalva atenuadora de alguma espécie¹⁸.

¹⁶ Cf. Cic. *De or.* I 48 (Crasso comenta a controvérsia em torno do conceito de orador: *verbi enim controversia iam diu torquet Graeculos homines contentionis cupidiores quam veritatis*); 102 (Crasso recusa-se a responder sobre a existência ou não de uma arte oratória, atribuindo esse tipo de discussão a um *Graeculus otiosus et loquax*); 221 (Antônio menciona a dissimulação que seria própria do orador, que não deve exibir seu conhecimento em meio a um público de tolos, para que não o tomem por inepto ou por um *Graeculus*).

¹⁷ Cf. Cic. *De or.* I 23 (Cícero, no prefácio ao livro 1, estabelece a autoridade dos personagens do diálogo como superior à dos gregos); I 105 (Cévola contrapõe a experiência, a eloquência e a autoridade de Crasso à loquacidade inútil dos gregos); I 132 (Crasso afirma ter falado mais a fundo da questão da importância da eloquência e de suas exigências do que os gregos costumam fazer); I 197 (Crasso aponta a superioridade do direito civil romano sobre todos os outros, em particular o dos gregos); I 198 (contraposição da condição social ínfima dos *pragmatikoi* gregos à importância dos juristas romanos); II 18 (gracejo de Crasso acerca da inexistência de um termo para “inepto” em grego); II 19 (Cátulo assinala que Crasso é tão *clarus* e *magnus* quanto os gregos); II 75 (Antônio contrapõe a inexperiência dos mestres gregos de oratória à sua própria experiência no fórum e nos tribunais); (II 77: *idem*); II 217 (Estrabão contrapõe implicitamente as exposições dos gregos sobre o riso, que qualifica de insípidas, à sua); III 27 (Crasso apresenta em paralelo os poetas dramáticos latinos e gregos, à semelhança do que acontece no passo sobre historiografia); III 131 (Cátulo faz um elogio de Crasso e, paralelamente, um vitupério dos gregos); e III 228 (novo elogio de Cátulo a Crasso, apontando que ele parece ter ensinado aos gregos o que deles tomou).

¹⁸ Cf. Cic. *De or.* III 56 (fala de Crasso): *Hanc, inquam, cogitandi pronuntiandique rationem vixque dicendi veteres Graeci sapientiam nominabant; hinc illi Lycurgi, hinc Pittaci, hinc Solones atque ab hac similitudine Coruncanii nostri, Fabricii, Catones, Scipiones fuerunt, non tam fortasse docti, sed impetu mentis simili et voluntate* “A esse método, continuando, de refletir e de falar, e a essa capacidade oratória, os gregos denominavam “sabedoria”. Daqui provieram os Licurgos, os Pítacos, os Sólon, bem como, segundo esse modelo, os nossos Coruncanos, Fabricios, Catões, Cipiões, não tão doutos, talvez, mas dotados de entusiasmo e vontade semelhantes.”; 94 (*idem*): *Nam apud Graecos, cuiusmodi essent, videbam tamen esse praeter hanc exercitationem linguae doctrinam aliquam et humanitate dignam scientiam, hos vero*

Assim, com a equiparação dos primórdios da historiografia entre gregos e latinos e com a perspectiva de uma equiparação futura das duas em seu estágio mais desenvolvido, o desnível apresentado por Antônio é, senão eliminado, pelo menos mitigado – e mesmo decorosamente justificado, na sequência da digressão: Antônio atribui a falta de lustro que constata nas obras históricas latinas à suposta concentração da eloquência dos latinos nas causas públicas, ao passo que os mais eloquentes gregos teriam dedicado o máximo de suas forças à história e a outros gêneros das letras¹⁹.

O recurso ao paralelismo, por sua vez, faz pensar na passagem do começo do *Brutus* (42) em que o personagem Ático comenta uma reconstrução histórica feita por Cícero. Trata-se da apresentação em paralelo das mortes de Temístocles e Coriolano. Como o personagem Cícero reconhece estar alterando os fatos e apresentando uma versão da morte de Coriolano diferente daquela que se encontra no livro de Ático, o recém-publicado *liber annalis*, o Arpinate pede vênias ao amigo historiador. Este observa, semijocosamente:

At ille ridens: tuo vero, inquit, arbitratus; quoniam quidem concessum est rhetoribus mentiri in historiis, ut aliquid dicere possint argutius (Cic. Br. 42)

Respondeu ele, sorrindo: – Como você achar melhor, uma vez que é permitido aos rétores mentir em seus relatos históricos, a fim de que possam dizer alguma coisa de maneira mais expressiva.

A nosso ver, essa observação do *Brutus* pode ser aplicada diretamente a nossa passagem do *De oratore*, uma vez que em ambos os casos temos um relato aparentemente histórico posto na boca de um orador. Se o motivo da distorção promovida por Antônio é, primordialmente, patriótico, como observado,

novos magistros nihil intellegebam posse docere, nisi ut auferent; quod etiam cum bonis rebus coniunctum per se ipsum est magno opere fugiendum: hoc cum unum traderetur et cum impudentiae ludus esset, putavi esse censoris, ne longius id serperet, providere “De fato, percebia que entre os gregos, como quer que fossem, havia, além desse exercício da língua, uma doutrina e um refinamento dignos de conhecimento. Já no caso desses novos professores, entendia que não eram capazes de ensinar senão a serem ousados, algo que, mesmo quando ligado a coisas boas, deve, por si mesmo, ser fortemente evitado. Como se ensinava apenas isso e como aquela era uma escola de impudência, considerei que era dever de um censor cuidar para que aquilo não se espalhasse”.

¹⁹ Cic. *De or.* II 55: *minime mirum, inquit Antonius, si ista res ad huc nostra lingua inlustrata non est. nemo enim studet eloquentiae nostrorum hominum, nisi ut in causis atque ut in foro eluceat; apud Graecos autem eloquentissimi homines, remoti a causis forensibus, cum ad ceteras res inlustris tum ad historiam scribendam maxime se applicaverunt* “Não é de forma alguma de admirar, continuou Antônio, que esse gênero ainda não tenha recebido lustro em nossa língua. De fato, nenhum de nossos conterrâneos dedica-se à eloquência senão para brilhar nas causas e no fórum; já entre os gregos, os homens mais eloquentes, apartados das causas públicas, aplicaram-se ao máximo não só aos demais gêneros ilustres, mas também à escrita da história”.

também a questão da expressividade parece estar em jogo: além do paralelo dos povos, temos exatamente três representantes gregos e três latinos.

A passagem dos anais dos pontífices para os anais literários tal como apresentada por Antônio, além disso, é problemática do ponto de vista histórico. Nossa visão dos fatos, é claro, é sempre prejudicada pelo estado lacunar e fragmentário das obras em questão. De três dos quatro autores mencionados pelo personagem, Píctor, Pisão e Antípatro, os fragmentos, além de poucos (respectivamente, 32, 48 e 68 fragmentos na edição de Chassignet), revelam-se pouco ou nada férteis para análises diretas que nos permitam confrontar o juízo ciceroniano – sem contar o fato, é preciso dizer, de que Píctor escrevera sua obra originalmente em grego, e que Antônio, ao mencioná-lo entre os autores latinos, estaria possivelmente referindo-se a uma tradução da obra²⁰. As *Origines* de Catão, em contrapartida, apesar de também fragmentárias, chegaram até nós em maior número (135 fragmentos na edição de Chassignet) e permitem, por vezes, uma apreciação direta da escrita catoniana²¹. No que respeita à matéria da obra, um fragmento, em particular, chama-nos a atenção: trata-se de um passo do livro IV das *Origines* citado por Aulo Gélío em que Catão, talvez no prefácio do livro, contrapõe-se explicitamente à tradição dos anais máximos.

Non lubet scribere quod in tabula apud pontificem maximum est, quotiens annona cara, quotiens lunae aut solis lumine²² caligo aut quid obstiterit (fr. 4, 1 Chassignet)

Não apraz escrever, como consta nos registros do pontífice máximo, quantas vezes o preço dos grãos subiu, quantas vezes um nevoeiro ou algo do tipo obstruiu a luz da lua ou do sol.

Caso a passagem se refira mesmo ao prefácio do livro IV (Gélío, ao citar o passo em II 28, 4, fornece-nos apenas a indicação: *ex Originum quarto*), talvez tenhamos aqui uma asserção programática de contraposição aos anais máximos. Se nos ativermos à letra do texto, o confronto diz respeito, do ponto de vista retórico, apenas à invenção, ou seja, à seleção da matéria a ser tratada na obra histórica – um dos *tópoi* dos prefácios é justamente a apresentação da grandiosidade e do ineditismo da matéria da obra²³, o que muitas vezes é feito por contraposição aos predecessores –, ao passo que o ponto de vista de Antônio é o da elocução. Ainda assim, o relato deste nos induz a crer numa afinidade e numa continuidade

²⁰ Sobre a questão espinhosa das duas versões da obra de Píctor, leia-se Chassignet (2003, p. lix-lxii).

²¹ Como faz Leeman (1963, p. 70-71), por exemplo, que conclui pela “falta de estilo histórico” de Catão.

²² Segundo Chassignet (2002, p. 84, n. 2), trata-se de dativo arcaico, estágio intermediário pelo qual a desinência *-ei* teria passado antes de converter-se em *-i*.

²³ Cf. a preceituação retórica do *tópos* em *Rhet. Her.* I 7 e *Cic. Inv.* I 23.

entre os escritos dos primeiros historiadores e os registros dos anais. Ao observar que *hanc similitudinem scribendi multi secuti sunt*, Antônio sugere, pelo verbo *sequor*, que os primeiros historiadores buscaram voluntariamente imitar o modo de escrita dos anais máximos²⁴. O aspecto da invenção parece trazer consigo a elocução árida própria das listas destes últimos, donde a sequência da observação: *qui sine ullis ornamentis monumenta solum temporum, hominum, locorum gestarumque rerum reliquerunt*. Ora, se consideramos a observação de Catão, a validade histórica do relato de Antônio cai por terra, de acordo com a lógica de seu próprio raciocínio: com a recusa de se ater às simples listas (repare-se no *quotiens* do fragmento, repetido, ademais, em anáfora) de temas menores que seriam características dos anais máximos, Catão estaria consequentemente recusando a elocução monótona e árida *intrinsicamente a tais listas*. Se nos é permitido especular, ademais, algo que se torna quase inevitável quando nos debruçamos sobre obras fragmentárias, nada nos impede imaginar que Catão, na sequência de seu pensamento, oferecesse as razões de sua recusa e se contrapusesse aos anais também pela elocução²⁵.

Segundo o testemunho de Plutarco, além disso, Catão granjeara a reputação de eloquente em sua época, chegando a ser apelidado de “Demóstenes romano” pela influência de sua oratória²⁶. Ora, ainda que pensemos em exagero da parte do biografista ou de suas fontes, ou mesmo dos contemporâneos de Catão, caso a informação seja autêntica, estamos muito longe da caracterização antoniana, que apresenta o historiador, juntamente com os demais citados, como desconhecedor dos meios com que se orna o discurso. O mesmo Plutarco aponta que Catão teria aprendido grego já na velhice – época da escrita das *Origines*, por sinal²⁷ – e que teria tirado algum proveito da leitura de Tucídides, mas grande proveito da leitura de Demóstenes para a sua oratória²⁸.

A crítica de Antônio à *brevitas* como única qualidade discursiva dos

²⁴ Cf. Forcellini, s.v. *sequor*, 1, 9, *sequi aliquem auctorem, ejus doctrinam probare, eique adhaerere*, e exemplos; *OLD*, s.v. *sequor*, 9c, “to follow the authority of (persons or writings, in giving information, etc.)”, e exemplos.

²⁵ Beck (2007, p. 261) é mais categórico a respeito da contraposição de Catão aos *annales maximi*, não levando em conta a ênfase de Antônio sobre aspecto da elocução: “[...] Cato explicitly disapproved of the priestly chronicles [segue a citação do fragmento 4, 1]”.

²⁶ *Plut. Cat.* 4, 1: Τῷ δὲ Κάτωνι πολλὴ μὲν ἀπὸ τοῦ λόγου δύναμις ἤϋξητο, καὶ Ῥωμαίων αὐτὸν οἱ πολλοὶ Δημοσθένει προσηγόρευον “Grande foi a influência que Catão granjeou por sua oratória, e muitos o apelidaram de ‘Demóstenes romano’”.

²⁷ Cf. *Nep. Cat.* 3, 3: *senex historias scribere instituit* “começou a escrever história na velhice”. Leia-se também Chassignet, 2002, p. vii-ix.

²⁸ *Plut. Cat.* 2, 5: ἄλλως δὲ παιδείας Ἑλληνικῆς ὀψιμαθῆς λέγεται γενέσθαι, καὶ πόρρω παντάπασιν ἡλικίας ἑλλητικῶς Ἑλληνικὰ βιβλία λαβὼν εἰς χεῖρας, βραχέα μὲν ἀπὸ Θουκυδίδου, πλείονα δ' ἀπὸ Δημοσθένους εἰς τὸ ῥητορικὸν ὠφελῆθῆναι “Conta-se, ademais, que se teria dedicado ao aprendizado da cultura grega tardiamente, e que, depois de se familiarizar com as obras gregas já em idade bastante avançada, Tucídides lhe teria sido de algum proveito em sua oratória; Demóstenes, de enorme valia”.

primeiros historiadores também pode ser atribuída à parcialidade de Cícero e a seu gosto e preferência pessoais por determinado modo de escrita, o *genus medium dicendi*, na terminologia posterior do *Orator*, como o mais adequado para a escrita da história. Tal concepção parece provir da escola isocrática²⁹, tal como se teria concretizado nas obras de Teopompo e Éforo (uma vez mais, nosso conhecimento direto fica prejudicado pelo estado fragmentário das obras destes). Cícero, como sabemos por uma de suas cartas a Ático, teria adotado tal *genus* até mesmo para a escrita dos apontamentos em grego que compusera para servir de base para uma obra histórica acerca de seu consulado:

meus [...] liber totum Isocrati myrothecium atque omnis eius discipulorum arculas ac non nihil etiam Aristotelia pigmenta consumpsit (Cic. Att. II 1, 1)

o meu livro [...] consumiu todo o frasco de perfumes de Isócrates e todos os estojos de tintas de seus discípulos, bem como um pouco ainda dos pigmentos de Aristóteles.

Ora, se Cícero adere à tradição isocrática, Catão, de sua parte, uma vez mais segundo o testemunho de Plutarco, parece ter desprezado a escola de Isócrates:

τὴν δ' Ἰσοκράτους διατριβὴν ἐπισκώπτων, γηρᾶν φησι παρ' αὐτῷ τοὺς μαθητάς, ὡς ἐν Ἄιδου παρὰ Μίνῳ χρησομένους ταῖς τέχναις καὶ δίκαις ἐροῦντας (Plut. Cat. 23, 2)

zombando da escola de Isócrates, dizia que seus discípulos envelheciam junto a ele, como se fossem empregar seus artificios e defender causas no Hades, perante Minos.

Ora, se Catão realmente desdenhava a escola de Isócrates, não haveria motivo para que adotasse a elocução prevista por ele para o gênero histórico, e muito menos para que Antônio exigisse dele tal adoção.

A observação de Antônio sobre a *brevitas* ignora, ademais, que a busca pela concisão pode conferir um ornato de outra espécie, tal como cultivado por Tucídides entre os gregos e, posteriormente, por Salústio, imitador justamente de Tucídides e Catão e cultor manifesto da concisão extrema. Salústio, por sinal,

²⁹ Como será explicitado uma década depois, com a publicação do *Orator* (cf. 37, em que Cícero insere a história no gênero epidítico, juntamente com as exortações ao estilo de Isócrates; 66, em que o *genus medium dicendi* é apresentado como o próprio da história, juntamente com a obra de sofistas e poetas; e, particularmente, 207, em que Cícero prescreve a escrita em períodos, à maneira de Isócrates e Teopompo, para a história e para o gênero epidítico como um todo).

no livro I das *Histórias* (fr. 1.4 M), que também chegaram até nós em estado fragmentário, elogia Catão por sua eloquência, atrelando tal louvor precisamente à concisão: *Romani generis disertissimus paucis absolvit*, “o mais eloquente da raça romana narrou brevemente”³⁰. A adesão emuladora de Salústio à *brevitas* catoniana fica evidenciada, acrescentemos, pelo confronto intertextual com o proêmio do *De coniuratione Catilinae* (4, 3), no qual o historiador empregara a mesma expressão aqui utilizada, mas em primeira pessoa: *Igitur de Catilinae coniuratione quam uerissime potero paucis absoluam* “Assim, concisamente, narrarei a conjuração de Catilina da maneira mais verídica possível”.

Se Catão, ademais, juntamente com Píctor e Pisão, é caracterizado como desconhecedor dos meios com que se orna o discurso, no *Brutus* (66), em contrapartida, o personagem Cícero traça um retrato bastante diferente: *iam vero Origines eius quem florem aut quod lumen eloquentiae non habent?* “Já no que concerne às suas *Origines* [sc. de Catão], que flor ou luz da eloquência não apresentam?”.

No *De oratore*, em suma, Catão desconhece os ornatos do discurso; no *Brutus*, sua obra histórica apresenta todos eles... Como entender as duas caracterizações? Incoerência de Cícero? E como decidir qual das duas é a historicamente correta – supondo que uma delas o seja? A nosso ver, teríamos incoerência apenas se supuséssemos diretrizes de escrita como objetividade (ou, pelo menos, a sua busca) e honestidade intelectual, que são mais afins com critérios de escrita científica modernos do que com os critérios retóricos adotados pelo próprio autor e usuais entre os antigos. Assim, em nossa leitura das passagens, não há sequer cabimento em demandar coerência da parte de Cícero em suas apresentações de Catão. Na primeira, no *De oratore*, é de seu interesse representá-lo como desconhecedor da retórica, já que isso quadra a seu retrato parcial e interessado dos primórdios da historiografia em Roma; na segunda, no *Brutus*, é de seu interesse representá-lo como um autor que sabia empregar os recursos retóricos de acordo com as limitações de sua época, mesmo tendo sido ofuscado pelos escritores posteriores, uma vez que Cícero está a polemizar com os aticistas e a criticar sua suposta ignorância e desconsideração de Catão como modelo (de maneira complementar,

³⁰ Como Porfírião observa (*ad Hor. Sat. I, 10, 9*), comentando o célebre *est breuitate opus horaciano, eloquentiae [...] uirtus non tantum in eo est ut pauca copiose, sed etiam ut breuiter multa dicantur. Sic et Marcus Cato a Sallustio laudatur paucis absoluisse* “na eloquência, a virtude não reside apenas em se dizer pouco de maneira copiosa, mas também muito de maneira concisa. Assim, também Marco Catão é louvado por Salústio por ter narrado concisamente”. Discordamos da leitura de La Penna, em La Penna e Funari (2015, p. 125), que considera que Salústio, no fragmento em questão, refere-se apenas à invenção e à narração, não à elocução (La Penna usa o termo “stile”). De fato, se a escrita do próprio Salústio não é concisa apenas no que se refere à narração e à invenção, mas também no detalhe de cada frase, domínio dos *verba*, portanto, e, conseqüentemente, da elocução, e se Salústio adere programaticamente à imitação de Catão, por que supor que o autor estaria a se referir apenas a um aspecto da *brevitas*?

por sinal, poderíamos observar que, no *De senectute*, é do interesse de Cícero, pela busca da verossimilhança na caracterização do personagem Catão, explicar que a discrepância entre a maneira como este fala no diálogo e como escreve em suas obras seria proveniente de seu contato tardio com as letras gregas³¹). Assim, Cícero escreve como orador, adotando a conveniência do momento, não como historiador imparcial. Demandar coerência das apresentações ou mesmo perguntar qual das duas é a histórica parece equivocado, por desconsiderar os critérios do autor e levar em consideração nossos critérios modernos de escrita. Se coerência há, trata-se da coerência de um advogado.

A leitura atenta de *De or.* II 51-54 comprova o princípio enunciado por Lévy, segundo o qual a obra não pode ser tomada como testemunho objetivo do que quer que seja. A fala de Antônio é regida pela parcialidade e pelo interesse de Cícero, que a insere entre as várias passagens da obra que prefiguram seu advento. Vários motivos fazem-nos desconfiar da validade histórica da narrativa de Antônio: o paralelo suspeito dos primórdios da historiografia entre gregos e latinos, em que os dois grupos são comparados de maneira vaga, nebulosa e sem argumentação; uma ligação dos primeiros historiadores gregos e latinos com os anais máximos que não parece corresponder à realidade em nenhum dos dois casos; uma exigência de adesão ao *genus medium dicendi* por parte dos historiadores que não corresponde a uma lei do gênero, mas a uma preferência que Cícero demonstra nesta e em outras passagens de sua obra pelo *modus scribendi* da escola de Isócrates para a escrita da história, tal como se teria concretizado nas obras de seus discípulos, Teopompo e Éforo. Além disso, o exame do fragmento 4, 1 de Catão e de vários testemunhos de Plutarco a respeito da eloquência deste evidencia a imprecisão de associar o historiador ao modo de escrita dos anais máximos, de um lado, e de alegar sua ignorância dos meios com que se orna o discurso, de outro. Se a escrita de Catão era concisa e sem adornos, isso sem dúvida refletia uma escolha deliberada do autor. Como prova suplementar disso, o louvor de Salústio ao historiador e a imitação que promoveu de seu modo de escrita não deixam dúvida sobre a possibilidade de uma concepção de escrita histórica diferente da de Cícero, mas igualmente retórica.

De maneira complementar, a análise apresentada demonstra que é preciso entender os diferentes escritos de Cícero levando em conta seus interesses, objetivos e vieses em cada um. Diferentes contextos demandarão diferentes desenvolvimentos, como as apresentações de Catão no *De oratore*, no *Brutus* e

³¹ Cf. Cic. *Sen.* I, 3 *qui si eruditius videbitur disputare, quam consuevit ipse in suis libris, attribuito litteris Graecis, quarum constat eum perstudiosum fuisse in senectute.* “Caso ele [sc. Catão] pareça discutir de maneira mais erudita do que ele próprio costumava fazer em seus livros, queira atribuí-lo às letras gregas: é notório que ele foi um grande estudioso delas na velhice.” Como observa Powell (2004) ad locum, por *eruditius disputare* refere-se Cícero tanto ao aspecto da erudição como ao da elocução.

no *De senectute* deixam claro. Eventuais contradições entre as diferentes soluções não devem ser interpretadas, dessa forma, como inconstância ou incoerência da parte de Cícero, mas como o desenvolvimento conveniente (no sentido retórico do termo) de cada um de acordo com seu contexto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECK, H. The Early Roman Tradition. In: MARINCOLA, J. (ed.) *A Companion to Greek and Roman Historiography*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007. v. 1, p. 259-265.
- BRANDÃO, J. L. (trad.) *Luciano de Samósata. Como se deve escrever a história*. Belo Horizonte: Tessitura, 2009.
- BRITTAIN, C. *Philo of Larissa. The Last of the Academic Sceptics*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CHASSIGNET, M. (ed.) *L'annalistique Romaine. Les annales des pontifes. L'annalistique ancienne*. Paris: Les Belles Lettres, 2003.
- . *Caton, Les origines. Fragments*. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- FORTENBAUGH, W. W. *Cicero as a Reporter of Aristotelian and Theophrastean Doctrine. Rhetorica*, Vol. XXIII, Issue 1, pp. 37-64.
- FOX, M. *Cicero's Philosophy of History*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- KROLL, W. (ed.) *M. Tullii Ciceronis Orator*. Berlin, Weidmannsche Verlagsbuchhandlung, 1961.
- KUMANIECKI, K. F. (ed.) *M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia. Fasc. 3 De oratore*. Leipzig: Teubner Verlagsgesellschaft, 1969.
- LEEMAN, A. D. *Orationis Ratio*. Amsterdam: Adolf M. Hakkert, 1963. v. 1.
- LEEMAN, A. D.; Pinkster, H.; Nelson, H. L. W. (Kom.) *M. Tullius Cicero. De oratore libri III*. Heidelberg: Carl Winter, 1985. 2 v.
- LÉVY, C. L'enseignement rhétorique de Philon de Larissa. In: BRISSON, L. & CHIRON, P. (éd.) *Rhetorica philosophans. Mélanges offerts à Michel Patillon*. Paris: Vrin, 2010. p. 95-106.
- MARINCOLA, J. Introduction. In: ———. (ed.) *A Companion to Greek and Roman Historiography*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007. v. 1, p. 1-9.
- MELLOR, R. *The Roman Historians*. Routledge: London & New York, 1999. p. 6-29.
- NICOLAI, R. *Opus oratorium maxime: Cicerone tra storia e oratoria*. In: NARDUCCI, E. (ed.) *Cicerone – Prospettiva 2000*. Firenze: 2001. p. 105-125.
- NORTHWOOD, S. J. Cicero de Oratore 2.51-64 and Rhetoric in Historiography. *Mnemosyne*. Amsterdam, n. 61, p. 228-244, 2008.
- LA PENNA, A. e Funari, R. *C. Sallusti Crispi Historiae I: Fragmenta 1.1-146*. Berlin/Boston, Walter de Gruyter, 2015.
- POWELL, J. G. F. (com.) *Cicero. Cato Maior de Senectute*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

- RODHES, P. J. Documents and the Greek Historian. In: MARINCOLA, J. (ed.) *A Companion to Greek and Roman Historiography*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007. v. 1, p. 56-66.
- SANDYS, J. E. *M. Tulli Ciceronis ad Marcum Brutum Orator*. Cambridge: Cambridge University Press, 1885.
- SCATOLIN, A. *A historiografia (Cícero. Do orador 2.51-64)*. São Paulo, Letras Clássicas 15, 2011, pp. 91-96.
- TOYE, D. L. Dionysius of Halicarnassus on the First Greek Historians. *The American Journal of Philology*. Baltimore, v. 116, n. 2, p. 279-302, 1995.
- WOODMAN, A. J. *Rhetoric in Classical Historiography. Four Studies*. London/ New York: Routledge, 1988, pp. 76-116.